



FRANÇA Campeã mundial bate Marrocos e defenderá título contra Argentina

Outra vez na decisão

JOÃO VÍTOR MARQUES
Enviado especial

A l Khor — Eles chegaram de novo. A poderosa França iniciou a trajetória no Catar baqueada pelas lesões dos fundamentais Kanté, Pogba e Benzema, mas fez do duro golpe uma chance para outros brilharem. O protagonismo de Griezmann e Mbappé foi dividido com o grupo, grande força na caminhada à segunda final de Copa do Mundo consecutiva. A confirmação veio ontem, em uma partida atípica. Os atuais campeões mundiais abriram o placar logo cedo e se viram pressionados pelo surpreendente Marrocos durante a maior parte do tempo no Estádio Al Bayt, em Al Khor. Mas a efetividade ofensiva que faltou aos marroquinos sobrou aos franceses, que contaram com gols de Theo Hernández e Kolo Muani para vencer por 2 x 0.

O último desafio até a eternidade será contra a temida Argentina de Lionel Messi, domingo, às 12h, no Estádio Icônico de Lusail. Vitoriosos na Rússia há quatro anos, os franceses tentam ser o terceiro país a ganhar a Copa do Mundo duas vezes consecutivas. Antes, só Itália (1934 e 1938) e Brasil (1958 e 1962) conseguiram o feito. Mais que isso, desejam o tricampeonato — sonho dividido com os argentinos.

“Emoção e orgulho definem, evidentemente. A verdade é que estamos há mais de um mês juntos, todos os jogadores, concentração total. Isso aqui não é simples. Fomos felizes agora. Nossos jogadores estão sendo recompensados pelo seu suor. Nós conseguimos chegar até aqui e domingo estaremos lá com toda força buscando o título. É preciso apreciar cada momento dessa nossa experiência. Gostaríamos de poder parar o tempo para aproveitar ao máximo”, emocionou-se o técnico francês Didier Deschamps.

O alívio faz sentido. A vitória francesa foi contra um bravo oponente, que em vários momentos mereceu marcar ao menos um gol. Pressionou e teve a coragem de agredir os atuais campeões, com o peito estufado após ter batido de

Franck Fife/AFP



Franceses repetiram o feito do Brasil e chegaram a outra final logo após serem campeões mundiais

**França 2**

Hugo Lloris; Jules Koundé, Raphaël Varane, Ibrahima Konaté e Theo Hernández ⚡; Tchouaméni, Fofana e Griezmann; Dembélé (Kolo Muani ⚡), Kyllian Mbappé e Olivier Giroud (Thuram)

Técnico: Didier Deschamps

Público: 68.294 torcedores

**Marrocos 0**

Bono; Hakimi, El Yamiqi, Aguerd, Saiss (Amallah) (Ezzalzouli), Mazraoui (Attiat-Allah); Amrabat, Ounahi, Ziyech, Boufal ⚡ (Aboukhltal); e En-Nesyri (Hamdallah).

Técnico: Walid Regragui

Árbitro: César Ramos (México)

frente com Bélgica, Croácia, Portugal e Espanha ao longo da competição. Não foi suficiente para outro ‘milagre’, mas bastou para ser aplaudido pelo mar vermelho que tomou o estádio, lotado com mais de 68 mil torcedores.

Foi o reconhecimento da torcida mais barulhenta da competição pela campanha histórica de Marrocos no Catar. Nunca uma seleção africana tinha chegado à semifinal de Copa. Agora, ainda resta uma missão aos marroquinos: lutar pelo terceiro lugar. A decisão contra os croatas será no sábado, também ao meio-dia, no Estádio Internacional Khalifa, em Doha.

“Nós temos que nos reerguer psicologicamente, porque queremos terminar em terceiro e confiamos nos nossos jogadores. Fizemos uma boa campanha, ganhar a Copa não é fácil”, elogiou o técnico marroquino Walid Regragui. “Em um jogo contra a França, qualquer erro custa caro. Não conseguimos no primeiro tempo, no segundo tivemos chances, mas não conseguimos aproveitar. Mas demos o nosso melhor”, completou o treinador.

A análise de Regragui faz sentido: Marrocos foi mais ofensivo que a França. Trocou mais passes (530 a 310) e ocupou o campo de ataque durante boa parte da partida.

O panorama atípico se deveu boa parte ao gol de Theo Hernández logo aos cinco minutos. Em vantagem, os franceses recuaram e viram os marroquinos crescerem, acertarem a trave e pararem no goleiro Lloris. Na etapa final, Muani aproveitou rebote de jogada de Mbappé e marcou o segundo.

Sinal da dinâmica inesperada do jogo foi a eleição de Griezmann como melhor em campo. Armador, ele se destacou pelo brilhante papel tático executado na hora de se defender. “Agora, é foco total para que nós possamos nos recuperar fisicamente e nos preparar para o jogo de domingo”, disse. A concentração é no futuro — que reserva um duelo especial com Messi.

“Qualquer time com Lionel é totalmente diferente. A gente ficou impressionado com os jogos dessa Copa do Mundo, sabemos como a Argentina joga, estão no topo da forma. Além do Messi, tem um entorno forte, sabemos que será um jogo difícil. Vamos conversar, ver onde podemos machucá-los e como nos defender. Estaremos bem preparados”, prometeu.

DRIBLE DE CORPO NA COPA

Por Marcos Paulo Lima



Reprodução



Argentina lembra o Brasil do tetra

Ao ver in loco a vitória da Argentina contra a Croácia por 2 x 0 para enfrentar a França na final inédita de domingo, às 12h, lembrei um pouco daquela Seleção Brasileira protagonista do tetracampeonato nos Estados Unidos, em 1994. O sistema de jogo usado por Lionel Scaloni na batalha do campo das ideias com Zlatko Dalić é muito parecido com o de Carlos Alberto Parreira há 28 anos. Fotografei o posicionamento da Scaloneta no estádio e reproduzo no campinho.

Lionel Scaloni configurou a Argentina no 4-4-2. As duas linhas de quatro eram justas, sincronizadas e aguardavam o momento certo de dar o bote, desarmar e puxar o contra-ataque em alta velocidade com os encantados homens de frente. Messi e Julian Álvarez estão para o time alviceleste como Romário e Bebeto para aquele Brasil de 1994. Encantados. Uma dupla explosiva. Quando a bola chega nos pés deles é meio caminho andado para as redes.

O meio de campo do Brasil de 1994 tinha dois volantes pegadores — Mauro Silva e Dunga. Além deles, dois caras construtores pelo lado: Mazinho e Zinho. O quarteto dava segurança à defesa formada por Jorginho, Márcio Santos, Aldair e Leonardo, depois Branco, a partir das quartas de final. Era um time extremamente seguro, compactado, competitivo e programado para vencer. Não derrotou a Itália com bola rolando porque a trave salvou o goleiro Pagliuca.

Exatamente como a Argentina planejou o triunfo por 3 x 0. Lionel Scaloni sabia que a Croácia desejaria a bola. Logo, deixou o adversário tocá-la pra lá e pra cá como queria. Havia uma diferença em relação ao Brasil. O meio de campo da Argentina é marcador. Morde. Incomoda quem está com ela até toma-la e acionar contra ataques em altíssima velocidade buscando dois jogadores que estão incrivelmente de bem com as redes. Messi divide a artilharia com Mbappé. Cinco gols cada. Julian Álvarez reparte o segundo lugar com o centroavante Giroud.

A Argentina atraiu a Croácia para o seu campo e aguardou pacientemente o momento certo para o contra-ataque. Guardadas as devidas proporções e adaptações, De Paul faz papel equivalente ao de Mazinho em 1994. Leandro Paredes é o Mauro Silva da turma. Enzo Fernández equipara-se ao Dunga. Qualidade no passe. Mac Allister emula o Zinho do tetra.

Se Romário assumia o papel de fora de série e desequilibrava na campanha do tetra, Messi é o extraterrestre da Argentina. Assim como o Baixinho, ele conta com um atacante fazedor de gol. Em 2021, foi artilheiro do Campeonato Argentino. No mesmo ano, Rei da América. Um ano antes, conquistou o Pré-Olímpico da América do Sul para os Jogos de Tóquio-2020. Ganhou a posição do ótimo Lautaro Martínez e não saiu mais.

